

Para tal, precisamos de jornalistas, “Mas saberão eles, hoje, na generalidade, o que falam? No sentido do *para que* falam”¹⁸⁴. É de uma resposta afirmativa a esta questão que dependerá o futuro do jornalismo cultural. Serão os seus agentes, empenhando-se na sua missão inculturadora, que farão entrar em ritmo decrescente a sua periculosidade.

PERIGOSA É... A ECOLOGIA. ECOFASCISMO. ECOTERRORISMO. ANTROPOCENO.

JOÃO RIBEIRO MENDES

A expressão aqui em título, “Perigosa é a Ecologia”, possui um carácter anastrófico. Com efeito, na ordem sintática mais natural, por assim dizer, mantendo-se o verbo na posição medial, o nome comum e o adjetivo ocupariam posições inversas, ou seja, teríamos “A Ecologia é Perigosa”.

Ora, qualificar a Ecologia como perigosa significa concebê-la como suscetível de causar mal, ocasionar dano, gerar sofrimento, provocar prejuízo, isto é, de nos expor a isso de algum modo e num certo grau. Todavia, para a grande maioria das pessoas, a palavra “Ecologia” parece pertencer ao grupo daquelas palavras com conotações predominantemente positivas e capazes de provocar, sobretudo, pensamentos e reflexões, emoções e sentimentos, gestos e comportamentos, recordações e prolepses simpáticas, agradáveis, felizes.

1. Que é a Ecologia?

As principais mutações semânticas que o vocábulo foi tendo ao longo de mais de um século podem ajudar-nos a responder à questão.

É consabido que o vocábulo “Ecologia” (Ökologie) foi cunhado pelo naturalista alemão Ernst Haeckel (1834-1919) em *Generelle Morphologie der Organismen*. Nessa obra, datada de 1866, definiu-o do seguinte modo: “ist die Wissenschaft von den Beziehungen des Organismus zur umgebenden Außenwelt [é a ciência da relação do organismo com o mundo externo circundante]”¹⁸⁵.

Mais de seis décadas depois, o zoólogo inglês Charles Sutherland Elton (1900-1991), no seu *Animal Ecology*, logo na primeira linha do texto, sustentou que a palavra constituía, no fundo, “a new name for a very old subject. It simply means scientific natural history”¹⁸⁶; ou seja, que sintetizava a ideia de fazer uso do método científico no estudo das vidas dos animais nos seus *habitats* naturais e respetivas interações com o seu entorno ambiental.

Quase um século passado desde o neologismo de Haeckel, o biólogo estadunidense Eugene Pleasants Odum (1913-2002), em *Fundamentals of Ecology*, reivindicou que a Ecologia deveria antes ser entendida como “[t]he study of the structure and function of Nature”¹⁸⁷.

No último terço do séc. XX, o acadêmico estadunidense Charles Joseph Krebs propôs ainda, em *Ecology: The Experimental Analysis of Distribution and Abundance*, uma definição da Ecologia que, de certo modo, engloba as três anteriores, como “[t]he scientific study of the interactions that determine the distribution and abundance of organisms”¹⁸⁸.

Porém, como pode esta ciência – ramo da Biologia – especializada no estudo das interações dos seres vivos com o seu entorno natural (julgo que esta poderá ser a definição que sintetiza as propostas acabadas de descrever) ser perigosa?

2. A Ecologia pode ser perigosa como?

Pelo menos de dois modos. Desde logo, vendo o seu discurso (saber, conhecimento adquirido) ser instrumentalizado para servir fins não científicos, por exemplo, fins políticos. Esse é, pois, um primeiro sentido, o mais óbvio, em que a Ecologia será potencialmente perigosa.

Esse discurso, no entanto, supõe a (pré-)existência de um objeto ao qual ele se refere e acerca do qual pensa e discorre. Chamaram-lhe os antigos gregos “οἶκος” (*oikos*), o lar da família, a casa enquanto unidade básica da *pólis* (cidade-Estado), mas o seu significado foi-se sucessivamente ampliando, a ponto de se ter tornado análogo ou sinónimo do de mundo natural (recorde-se que para os latinos *mundus* era o lugar limpo, habitável; antónimo: *imundus*), natureza, ecossistema terrestre. Acontece que o *oikos* tem um *logos*, um modo próprio de se organizar, ou melhor, de espontaneamente se organizar. E é aqui que a Ecologia é igualmente perigosa: se Gaia, a Mãe-Terra, deixa de conseguir controlar eficazmente, com “mecanismos” próprios, os seus (des)ajustes e (des)equilíbrios, muitos deles antropogenicamente causados, e se torna demasiado instável e desordenada (a nível global e local), então exibirá comportamentos imprevisíveis e quiçá catastróficos, devastadores. A Ecologia tem, por conseguinte, este segundo sentido, menos aparente, em que será potencialmente perigosa.

Em relação ao primeiro sentido, o da instrumentalização do discurso da Ecologia (ou da Ecologia como discurso) para fins políticos, abordarei nos dois apartados que se seguem os casos do ecofascismo e do ecoterrorismo. No que concerne ao segundo sentido, o da Ecologia como o complexo, dinâmico, auto-organizado sistema da Terra, tratarei no último apartado, o “Antropoceno”.

3. O ecofascismo

Na entrada que redigiu para *The Encyclopedia of Religion and Nature*, o estudioso estadunidense dessa problemática, Michael Zimmerman, definiu o “Ecofascismo” como “a totalitarian [form of] government that requires individuals to sacrifice their interests to the well-being and glory of the ‘land’, understood as the splendid web of life, or the organic whole of nature, including peoples and their states”¹⁸⁹.

O dogma fundamental para justificar tais regimes é o de que a Terra é sagrada e, por conseguinte, a medida de todas as coisas. Ele serve de sustento para apregoar que, por exemplo, a poluição ambiental, o envenenamento dos solos, ou a “contaminação social”, imigração de tipo inadequado, coloca em causa a segurança dos estados-nação e ameaça a conservação da ordem natural. E serve também para legitimar líderes capazes de fazer impor os supostos “princípios naturais” contra indivíduos e povos que não os respeitem.

Ainda nesse artigo, assevera o autor que, muito embora nunca tenha existido um regime ecofascista, traços distintivos do mesmo são identificáveis no Nacional-Socialismo alemão, desde logo no mote propagandístico “Blut und Boden [Sangue e Solo]”. Hitler e os seus apaniguados vociferaram esses ideais de pureza do sangue e do solo para reforçarem a adesão da população alemã às suas políticas racistas de controlo de população (assassinato de milhões de pessoas “Lebensunwertes Leben”, isto é, com vidas indignas de ser vividas, em campos de extermínio) e de expansão territorial (subjugação militar de povos considerados inferiores ou *untermenschen* (sub-humanos).

Alertaram alguns, porém, que acontecimentos horríveis semelhantes podem repetir-se. Foi o caso, por exemplo, de Luc Ferry, em *Le Nouvel Ordre Écologique*. Nesse ensaio (em particular no primeiro capítulo da segunda parte), o pensador francês denunciou que o chamado

movimento da Ecologia Profunda (Deep Ecology), em franco desenvolvimento meio século após o fim da II Guerra Mundial, “*plonge certaines de ses racines dans le nazisme. Les thèses philosophiques qui sous-tendent les législations nazies (de protection des animaux) recouperent souvent celles que développera la deep ecology*”¹⁹⁰.

Cunhada em 1973 pelo ecologista norueguês Arne Naess, a expressão “Ecologia Profunda” tinha o intuito de servir para referir uma nova cosmovisão marcadamente biocêntrica, ou melhor, a sua necessidade, em alternativa à cosmovisão fortemente antropocêntrica e ocidentalocêntrica da “Ecologia frívola” dominante, aquela que advogava a conservação da natureza e a preservação da biodiversidade em prol dos interesses e do bem-estar humanos.¹⁹¹ Ora, inquieta a Ferry, mas não só, que esta radical alteração de perspetiva sobre a natureza, já não centrada no humano, possa instilar atitudes anti-humanistas e favorecer a adoção de políticas internacionais, sobretudo nos países mais ricos e desenvolvidos, de não solidariedade e intolerância, como, por exemplo, o impedimento de desesperados migrantes de países assolados pela fome e pela guerra de atravessarem as suas fronteiras, para evitar que sobrecarreguem o consumo dos respetivos recursos ecológicos.

Mais recentemente, com as alterações climáticas a tornarem-se cada vez mais evidentes e a robustecerem a convicção de que no horizonte próximo, quiçá entre meados deste século e o seu fim, teremos de enfrentar grandes desastres e catástrofes ambientais (ver, por exemplo, *The Collapse of Western Civilization. A View from the Future*, onde os historiadores da ciência e da tecnologia estadunidenses, Naomi Oreskes e Erik Conway, combinam ficção científica e a reconstrução histórica para nos darem esse vislumbre)¹⁹², a possibilidade do aparecimento do que Jacques Tiberi chamou no seu blogue um “Hitler verde”, um demagogo capaz de persuadir a maioria dos seus concidadãos a aderir à ideia de que um genocídio poderia ser uma solução para boa parte dos seus males ecológicos, deixou de ser implausível.¹⁹³ Como o próprio aventa, se ele surgir no Ocidente, visará muito provavelmente um ou ambos os países mais poluidores do planeta, China e Índia; se vier do Oriente, atacará por certo os EUA ou a União Europeia, causadores maiores, com o seu sistema de produção e consumo irrefreados, dos flagelos ambientais atuais. Isso tem fortes probabilidades de ocorrer se alguma potência militar entrar em “pânico ecológico” e acreditar que a única maneira de assegurar a sua sobrevivência será provocar a extinção de boa parte das populações das

demais nações. Num registo entre o sério e o divertido, Tiberi sugere que esse eventual tirano mundial se apresentará como vegetariano, grande defensor dos animais, adepto dos produtos provenientes de agricultura biológica, com uma relação mística com a natureza, telegénico como um monge budista e com um discurso de rejeição da ciência.

Enfim, como afirmou Peter Staudenmaier na parte que redigiu para a obra que publicou com Janet Biehl em 2014, *Ecofascism Revisited: Lessons from the German Experience*: “Even the most laudable of causes can be perverted and instrumentalized in the service of criminal savagery”¹⁹⁴.

4. O ecoterrorismo

Em 2002, James Jarboe, ao tempo chefe da secção de terrorismo doméstico do FBI, foi ouvido pelo Congresso dos EUA sobre a ameaça do ecoterrorismo, tendo declarado que a conhecida unidade de polícia do Departamento de Justiça do seu país entendia que o termo referia “the use or threatened use of violence of a criminal nature against innocent victims or property by an environmentally oriented, subnational group for environmental-political reasons, or aimed at an audience beyond the target, often of a symbolic nature”¹⁹⁵.

A primeira ação identificada como ecoterrorista terá supostamente ocorrido quatro anos antes, a 18 de outubro de 1998, quando a autointitulada Frente de Libertação da Terra (Earth Liberation Front), em nome de uma causa ambientalista, a da preservação de um *habitat* de lince, incendiou uma estância de esqui no Colorado considerada ameaçadora da sua subsistência, provocando danos materiais no valor de 12 milhões de dólares. Nos anos seguintes sucederam-se centenas de idênticas ações com idênticos resultados e motivos semelhantes.

Classificar este tipo de ações como terroristas suscitou e continua a suscitar grande controvérsia, parecendo justificadas a uns (por exemplo, aos responsáveis pelos serviços de segurança interna dos países, sobretudo após o 11 de Setembro de 2001) e desmesuradas a outros (por exemplo, aos ativistas ecológicos radicais que não entendem como podem as suas ações ser equiparadas às dos fundamentalistas islâmicos a soldo da Al-Quaeda).

Pode tender-se para este último posicionamento tomando em consideração dois aspetos: a) que, muito embora esses ativistas radicais reivindicuem que certos fins ecológicos justificam o uso de meios

violentos, ainda assim direcionam-nos para a destruição de propriedade ou património material e não de pessoas; isso significa, noutros termos, que as suas ações entram mais na categoria da “sabotagem” que na de “terrorismo”; b) que, diferentemente dos extremistas políticos tradicionais, de esquerda ou de direita, empenhados em provocar uma mudança política geral, esses ativistas radicais visam o fim político específico de retardar (ou idealmente acabar com) a destruição do ecossistema terrestre.

Em contrapartida, haverá tendência para o primeiro posicionamento se, apesar desses ativistas radicais justificarem o recurso a meios violentos com a urgência da situação, o fizerem fora das vias mais pacíficas que a lei até certo ponto tolera, nomeadamente manifestações de protesto ou até de desobediência civil. Como Douglas Long afirmou em *Ecoterrorism*, “[r]adical environmental groups generally share the belief that human destruction of the Earth has reached a critical stage, leaving no time for compromise or to work within the established legal system”¹⁹⁶.

Os indivíduos ou grupos que o FBI acusou de ecoterrorismo – por exemplo: Ted Kaczynski, a já referida Frente de Libertação Animal, a Frente de Libertação da Terra (Earth Liberation Front), a Greenpeace, mas a lista é longa e não restrita aos EUA – atuam com motivações razoavelmente distintas. No entanto, boa parte deles não somente comunga da convicção que o capitalismo avançado das sociedades industriais e pós-industriais é o principal responsável pela depleção da natureza e progressiva ruína dos ecossistemas da Terra, como igualmente partilha a crença no biocentrismo (em detrimento do antropocentrismo) dos advogados da Ecologia Profunda, ou seja, que a espécie humana não possui um estatuto de exceção ou de superioridade em relação às demais espécies, antes constitui apenas mais um membro da comunidade biológica, a par delas, todas devendo ser igualmente protegidas pela lei.

Para além disso, como Benoît Gagnon mostrou no artigo “L’écoterrorisme: vers une cinquième vague terroriste Nord-américaine?”, tais indivíduos e grupos associados ao ecoterrorismo tendem: a) a atuar privilegiadamente no plano nacional ou doméstico; “[i]l s’agit donc d’un terrorisme”, diz o autor, “qui ne se lie pas tellement aux activités terroristes ‘internationalisées’ auxquelles nous faisons face actuellement”; b) a receber financiamento legal para as suas atividades

(ilegais), diferenciando-se desse modo do terrorismo *mainstream*; c) a visar alvos materiais não humanos, sobretudo bens de empresas multinacionais, ainda que produzam por vezes, raramente, danos colaterais em humanos.¹⁹⁷

Uma pergunta que o investigador canadiano ainda faz e que importa aqui repetir é a seguinte: há razões para acreditar que o ecoterrorismo vai adquirir proeminência nos tempos que se avizinham? Apoiando-se no texto de David Rapoport “The four waves of rebel terror and September 11”, publicado em 2002, no rescaldo, portanto, dos ataques às Torres Gémeas do World Trade Center, em Nova Iorque, e ao Pentágono, em Washington, onde o especialista californiano em assuntos ligados ao terrorismo descreve a evolução do mesmo na Época Moderna nos termos de quatro vagas sucessivas – a do terrorismo anarquista, a do terrorismo anticolonial, a do terrorismo da nova esquerda (por exemplo, Weather Underground Organization nos EUA, Brigate Rosse em Itália, Nihon Sekigun (Exército Vermelho) no Japão, Action Directe em França) e a do terrorismo religioso¹⁹⁸ – Benoît Gagnon formula a tese de que “nous nous dirigeons lentement, mais sûrement, vers une cinquième vague terroriste. Cette nouvelle vague – cette rupture paradigmatique – sera fort probablement caractérisée par l’omniprésence de l’écoterrorisme”¹⁹⁹. Segundo ele, há várias razões que a sustentam, mas a principal será a da alteração radical que se verifica cada vez mais na relação entre a espécie humana e o ecossistema terrestre no seu todo, ou, se se preferir, a do advento do Antropoceno.

5. O Antropoceno

O Nobel da química holandês Paul Crutzen e o limnologista estadunidense Eugene Stoermer assinaram ambos um artigo, em 2000, saído na *Global Change Newsletter* do International Geosphere-Biosphere Programme, com duas páginas apenas, e o título “The Anthropocene”. Nele reivindicaram junto da comunidade científica relevante da Geociência que estamos já numa nova era geológica, provavelmente iniciada com a I Revolução Industrial, em meados do séc. XVIII, que batizaram de Antropoceno. Nas suas próprias palavras: “Considering [...] major and still growing impacts of human activities on earth and atmosphere, and at all, including global, scales, it seems to us more than appropriate to emphasize

the central role of mankind in geology and ecology by proposing to use the term ‘anthropocene’ for the current geological epoch”²⁰⁰.

Crutzen e Stoermer forneceram aí um avassalador conjunto de evidências em apoio da sua hipótese: aumento da população humana; aumento do volume de gado; aumento das áreas de pastagem, com o consequente desalojamento e possível extinção de espécies nativas; depleção dos recursos fósseis; aumento das emissões de gases nocivos para a atmosfera; aumento da ocupação e transformação da superfície da Terra pela espécie humana; aumento do consumo da água potável disponível; aumento do número de espécies extintas e consequente perda de biodiversidade; erosão das zonas marítimas costeiras; aumento da pesca mecanizada e consequente exaurir de espécies marinhas; modificação do ciclo geoquímico dos grandes sistemas aquíferos; etc.

Essa hipótese – na verdade um par de hipóteses: uma sobre a realidade de uma nova época geológica na Terra, sucessora da do Holoceno (aproximadamente os últimos 11.700 anos); outra sobre o início histórico dessa época – tem vindo a ser muito discutida, tanto no campo das Ciências (naturais e sociais) como no campo das Humanidades. Prevalece, por ora, amplo consenso de que a dupla proposta de Crutzen e Stoermer será verdadeira. O impacto provocado pela ação humana, tecnocientificamente mediada, sobre o ecossistema terrestre, de modo continuado desde a Revolução Industrial setecentista e de forma acelerada desde o fim da II Guerra Mundial, conferiu à nossa espécie um poder de moldar equivalente ao de uma força geológica.

A reação de Gaia a esta situação inédita é imprevisível. Com efeito, a Terra comporta-se crescentemente como um sistema dinâmico não linear e os seus principais subsistemas apenas se deixam abordar recorrendo a modelos estocásticos. Para além disso, e agravando essas dificuldades, enfraquecida a fronteira entre as ordens da natureza e da cultura, cada vez mais emaranhadas uma na outra, é possível que se tenha mesmo tornado anacrónico falar de sistemas naturais e sistemas sociais, devendo falar-se agora de sistemas socioecológicos.

Em linha com essas constatações, Simon Dalby, em “Framing the Anthropocene: The good, the bad and the ugly” (2016), afirmou: “The Anthropocene is now more than a proposed new geological epoch that marks the transformation of the Earth System wrought by humanity; it has become a contentious term and a lightning rod for political and philosophical arguments about what needs to be done, the

future of humanity, the potential of technology and the prospects for civilization”²⁰¹.

Isso significa que temos o nosso futuro em aberto ou, mais claramente, que vários futuros nos podem esperar, ainda que esse espaço de possíveis, em razão da escala de impacto das transformações que podem ser provocadas ser a da própria Terra na sua totalidade, seja mais restrito do que por vezes se quer admitir e largamente dependente de opções geopolíticas atuais.

Que podemos, pois, razoavelmente esperar? A tentação do maniqueísmo que coloca em oposição pessimistas e otimistas tem vindo a impor-se quase como se fossem as atitudes ontológicas naturais. Apenas a título exemplificativo, o já referido ensaio especulativo de Oreskes e Conway dá expressão aos primeiros através da previsão de que, em 2093, a 73 quartos de século, portanto, a civilização ocidental colapsará, após 100 anos de infelizes conjunções entre grandes catástrofes climáticas e ações escassas e erradas de reação às mesmas. Para ambos os autores, o “mau Antropoceno” – temperatura progressivamente mais elevada na superfície do nosso planeta, subida do nível da água do mar a ponto de provocar a submersão de vastas áreas de terreno costeiras, número exponencial de “refugiados do clima”, extinção da maioria das espécies existentes, desaparecimento de mais de metade da população humana, etc. – é praticamente inevitável e pouco mais nos resta que começarmos a pensar como sobreviver a esse cenário apocalíptico e nesse mundo pós-apocalíptico.

Outros, como Erle Ellis, em sintonia com os segundos, acham que o “bom Antropoceno” não é *wishful thinking*, antes uma realidade que está ao nosso alcance construir. No parágrafo que encerra o artigo “The planet of no return: Human resilience on an artificial Earth” (2011), afirmou: “The Earth we have inherited from our ancestors is now our responsibility. It is not natural limits that will determine whether this planet will sustain a robust measure of its evolutionary inheritance into the future. Our powers may yet exceed our ability to manage them, but there is no alternative except to shoulder the mantle of planetary stewardship. **A good, or at least a better, Anthropocene is within our grasp.** Creating that future will mean going beyond fears of transgressing natural limits and nostalgic hopes of returning to some pastoral or pristine era. **Most of all, we must not see the Anthropocene as a crisis, but as the beginning of a new geological epoch ripe with human-directed opportunity**”²⁰².

Preferem destacar, esses otimistas, que o novo capítulo da história da Terra em que entrámos, embora marcado por crises ecológicas, sociopolíticas e económico-financeiras, com efeitos globais, representa também uma oportunidade para mudarmos de vida, para repensarmos, redefinirmos e modificarmos a relação da nossa espécie com o seu *habitat*, para apostarmos na Geoengenharia, ou seja, na intervenção tecnológica em grande escala nos sistemas naturais da Terra com a finalidade de controlar eficazmente e em última instância prevenir e impedir funestos desastres e catástrofes ambientais e climáticas. No entanto, Simon Dalby, algo paradoxalmente, observou ainda que a Geoengenharia pode contribuir para manter a ordem política que gerou os problemas que intenta resolver, o facto é que “the notion of a ‘good’ Anthropocene deflects attention from the need to deal with numerous problems facing the majority of humanity”²⁰³.

Pessimismo e otimismo correspondem a estados da mente e não dispomos de quaisquer evidências de que eles tenham poderes causais sobre o mundo. O mundo, assim parece, é indiferente aos nossos estados mentais. Concluo, então, fazendo uso uma última vez das palavras de Dalby: “The Anthropocene is neither good nor bad but is going to be shaped by a politics that is necessary and probably will be rather ugly [...] a political choice rather than a matter of technological inevitability or imminent unavoidable doom”²⁰⁴.

PERIGOSA É... A RELIGIÃO

JOSÉ BRISSOS-LINO

*Nunca poderemos falar do fracasso do cristianismo. É impossível que ele fracasse.
O que fracassa é a falsificação esfarrapada da coisa verdadeira,
que nos dispomos a suportar.*

Geoffrey King

Quando Karl Marx classificava a religião como o “ópio do povo”²⁰⁵, uma espécie de entorpecente que lhe retirava racionalidade e qualidades cognitivas, docilizando-o face ao poder instituído, certamente que se referia mais à *praxis* decorrente da cultura religiosa dominante e às relações de poder no seio da religião institucionalizada do que ao mistério da fé em si mesmo, à devoção pessoal e à espiritualidade.

Ao controlar e dominar todos os sectores da sociedade, a Igreja medieval sufocou o pensamento, a criatividade e a espontaneidade de indivíduos e grupos sociais, de modo a paralisá-los. Da educação à saúde, das artes às ciências e da justiça à organização da sociedade, tudo estava sujeito a um comando religioso centralizado em Roma e a clamar por libertação.

A partir de 1517, com Lutero e a reforma protestante subsequente, não só se abriu – ou pelo menos reforçou – o caminho para a Modernidade²⁰⁶, como se começou a derrotar o conceito de que não era possível haver vida e legitimidade fora da Igreja Católica Romana. Ao defender o livre exame das Escrituras, além do acesso universal às mesmas, com as traduções para o vernáculo e a proliferação da imprensa, por exemplo, além do princípio do sacerdócio universal dos crentes, retirou-se autoridade ao magistério papal no tocante à interpretação exclusiva dos textos bíblicos, abrindo-se assim caminho para a legitimação de perspectivas hermenêuticas diversas e livres.

Mas o problema da religião na Europa vem desde a vacatura de poder em Roma, na sequência da mudança da sede do Império para Bizâncio, rebatizada como Constantinopla. A Igreja aproveitou o vazio romano para começar a tecer um sistema eclesiástico de pendor imperial, por mimetismo com a estrutura de poder do Império.

- 158 Palavras de Almási-Tóth na folha de sala.
- 159 Cf. FEYERABEND, P., "How to defend society against science", palestra transcrita, 1975, p. 9. (*Radical Philosophy*, 11 (1), 1975, pp. 3-9).
- 160 Uma breve antologia da história da musicologia feminista pode ser consultada em REITSMA, K., "A new approach: The feminist musicology studies of Susan McClary and Marcia J. Citron", *Musical Offerings*, vol. 5, n.o 1, 2014, pp. 38-42.
- 161 Cf. SMITH, B., *The Gender of History: Men, Women and Historical Practice*, Cambridge, Harvard University Press, 2000, p. 4. (A tradução apresentada é da autoria da autora do artigo.)
- 162 Cf. BOHLMAN, P., "Musicology as a political act", *The Journal of Musicology*, vol. 11, n.o 4, 1993, p. 413.
- 163 Cf. LYKKE, N., "This discipline which is not one: feminist studies as postdiscipline", in GRIFFIN, G., e LYKKE, N., *Theories and Methodologies in Postgraduate Feminist Research: Researching Differently*, New York/London, Routledge, 2011, pp. 137-150.
- 164 Cf. MCCLARY, S., "Of patriarchs... and matriarchs, too", *The Musical Times*, vol. 135, n.o 1816, 1994, pp. 367-368.
- 165 Cf. SCOTT, J. W., "Gender: A useful historical category of analysis", *The American Historical Review*, vol. 91, n.o 5, 1986, pp. 1053-1075.
- 166 "Poetas, escritores, dramaturgos e boêmios americanos cansados da monotonia da América do Norte pós-guerra e inspirados pelo jazz (estilo afro-americano), drogas, sexo livre e liberdade para ir e vir no território americano ("pé na estrada" termo que se criou) realizaram uma revolução cultural [...] a que posteriormente viria a se chamar beat generation (Geração Beat)", cf. MEDEIROS, P. F. G. et al., "A influência da Geração Beat para o jornalismo literário", Manaus, Intercom, 2015 (in XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2015): <http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0577-1.pdf>. (acedido a 23 fev. 2018).
- 167 Cf. FARO, J., "Jornalismo cultural: espaço público da produção intelectual", 2007: www.jsfaro.pro.br/unesp.html (acedido a 23 fev. 2018).
- 168 Cf. TYLER, E. B., *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art, and Custom*, London, Murray, 1920, p. 18.
- 169 Cf. RADA, Á. D. de, *Cultura, Antropología y Otras Tonterías*, Madrid, Trotta, 2010, p. 26.
- 170 Poderá completar as presentes conjeturas a visualização do seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=QOuVy86Pfi0> (acedido a 31 ago. 2018).
- 171 Cf. BECK, U., *O Que É Globalização?*, trad. de André Carone, São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- 172 Cf. FERGUSON, F., *Manual for Multicultural Education*, Yarmouth, Intercultural Press, 1987, p. 12.
- 173 Cf. PINTO, M., "Jornalês", *Que Diabo de Linguagem É Essa?*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2007, pp. 21-22.
- 174 Numa homenagem feita à premiada cientista Maria de Sousa, na Cooperativa *Árvore*, no Porto, esta referiu, nos agradecimentos, que só a arte perpetua a humanidade, uma vez que a ciência está sistematicamente a ser ultrapassada por novas descobertas. Apelou, assim, à consciencialização de que é pela arte e pela cultura que se erige um novo mundo.
- 175 Cf. ABRIL, G., *Teoría General de la Información*, Madrid, Cátedra, 1997, pp. 287-288.
- 176 Cf. MARTINEZ, F. L., *Antropología Cultural*, Maputo, Paulinas Editora, 2003: <https://www.passeidireto.com/arquivo/25155390/antropologia-cultural---francisco-lerma/28> (acedido a 23 fev. 2018).
- 177 Cito, a este propósito, Mário Soares, quando afirma: "Hoje, em democracia, a manipulação dos jornalistas pela parte das equipas dirigentes, próximas ou fiéis das administrações, que são desconhecidas do grande público e estão fechadas nas televisões ou nos jornais, é muito mais fácil de fazer" (cf. PORTELA, A., *A Galáxia de Bill Gates e a Responsabilidade Cultural do Jornalismo*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 1998, p. 132).
- 178 Cf. PADIOLEAU, J., *L'opinion publique: Examen Critique, Nouvelles Directions*, Paris, Mouton, 1981, p. 25.
- 179 Cf. DADER, José Luís, *El Periodista en el Espacio Publico*, Barcelona, Bosch, 1992, pp. 234-235.
- 180 Cf. RIVERA, J., *El Periodismo Cultural*, Buenos Aires, Paidós, 1995, p. 16.
- 181 Dada a natureza do artigo, ignoro, conscientemente, dados estatísticos e não menciono nomes de órgãos de comunicação nem dos seus atores.
- 182 Cf. BESSA-LUÍS, A., *apud* PORTELA, A., *A Galáxia de Bill Gates e a Responsabilidade Cultural do Jornalismo*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 1998, p. 24.
- 183 Cf. SOARES, M., *apud* *Id.*, *Ibid.*, p. 135.
- 184 Cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 16.
- 185 Cf. HAECKEL, E., *Generelle Morphologie der Organismen. Allgemeine Grundzüge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin reformirte Descendenz-Theorie*, Bd.2. Berlim, G. Reimer., 1866, 286.
- 186 Cf. ELTON, C., *Animal Ecology*, Nova Iorque, MacMillan, 1927, 1.
- 187 Cf. ODUM, E., *Fundamentals of Ecology*, 2.ª ed., Filadélfia, W. B. Saunders, 1959, 4.
- 188 Cf. KREBS, C., *Ecology: The Experimental Analysis of Distribution and Abundance*, Nova Iorque, Harper & Row, 1972, 4.
- 189 Cf. ZIMMERMAN, M., "Ecofascism", in TAYLOR, B., (ed.), *Encyclopedia of Religion and Nature*, Londres/Nova Iorque, Continuum International Publishing Group, 2005, pp. 531-532.
- 190 Cf. FERRY, L., *Le Nouvel Ordre Écologique*, Paris, Grasset., 1992, 185.
- 191 Cf. NAESS, A., "The shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary", *Inquiry: An Interdisciplinary Journal of Philosophy and the Social Sciences*, 16 (1-4), 1973, pp. 95-100.
- 192 Cf. ORESKES, N., e CONWAY, E., *The Collapse of Western Civilization. A View from the Future*, New York, Columbia University Press, 2014.
- 193 Cf. TIBERI, J., "Le Hitler Vert: bientôt l'ecofascisme?", *Mediapart*, 13 set. 2016: <https://blogs.mediapart.fr/tiberijac/blog/130916/le-hitler-vert-bientot-lecofascisme> (acedido a 10 abr. 2018).
- 194 Cf. STAUDENMAIER, P., e BIEHL, J., *Ecofascism Revisited: Lessons from the German Experience*, Porsgrunn, New Compass Press, 2014, p. 39.
- 195 Cf. JARBOE, J., "Testimony", *The FBI Federal of Investigation*, 12 fev. 2002: <https://archives.fbi.gov/archives/news/testimony/the-threat-of-eco-terrorism> (acedido a 10 abr. 2018).

- 196 Cf. LONG, D., *Ecoterrorism*, New York, Facts of File, 2004, 5.
- 197 Cf. GAGNON, B., “L'écoterrorisme: vers une cinquième vague terroriste nord-américaine?”, *Sécurité et stratégie*, n.º 3, jan. 2010, pp. 15-25.
- 198 Cf. RAPOPORT, D., “The four waves of rebel terror and september 11”, *Anthropoetics: the Journal of Generative Anthropology*, vol. 8, n.º 1. 2002: www.anthropoetics.ucla.edu/ap0801/terror.htm#n1 (acedido a 27 ago. 2018).
- 199 Cf. GAGNON, B., *op. cit.*
- 200 Cf. CRUTZEN, P., e STOERMER, E., “The Anthropocene”, *Global Change Newsletter*, n.º 41, 2000, pp. 17-18.
- 201 Cf. DALBY, S., “Framing the Anthropocene: The good, the bad and the ugly”, *The Anthropocene Review*, 3, 2016, pp. 33-51.
- 202 Cf. ELLIS, E., “The planet of no return: Human resilience on an artificial Earth”, *Breakthrough Journal*, 2, 2011, pp. 39-44. O negrito é nosso.
- 203 Cf. DALBY, S., *op. cit.*, p. 38.
- 204 Cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 48.
- 205 “Die Religion [...]. Sie ist das Opium des Volkes”, frase presente na Introdução à *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (em alemão, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*), de Marx. A Introdução, escrita em 1843, foi publicada em 1844 nos *Deutsch-Französischen Jahrbücher*. Cf. MARX, K., “Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel”, *Deutsch-Französischen Jahrbücher*, 7-10 fev. 1844. Marxists Internet Archive.
- 206 Cf. FRANCO, J. E., “Martinho Lutero foi um dos mentores da transição para a Modernidade”, *Agência Ecclesia*, 8 nov. 2017: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/sociedade-martinho-lutero-foi-um-dos-mentores-da-transicao-para-a-modernidade-jose-eduardo-franco/> (acedido a 10 mar. 2018).
- 207 Cf. VIMAR, A. S., *História da Igreja – de Volta às Origens*, Rio de Janeiro, Clube de Autores, 2008, p. 91.
- 208 Cf. PINTO, A., “Nova geração de evangélicos ocupa metade dos bancos das igrejas”, *Folha de S. Paulo*, 25 dez. 2016: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1844387-nova-geracao-de-evangelicos-ocupa-metade-dos-bancos-das-igrejas.shtml> (acedido a 10 mar. 18).
- 209 “O poder corrompe. O poder absoluto corrompe absolutamente”. Cf. DALBERG-ACTON, J., “Letter to Bishop Mandell Creighton, april 5, 1887”, in FIGGIS, J. N., e LAURENCE, R. V., *Historical Essays and Studies*, London, Macmillan, 1907.
- 210 A Tradição católica, ou Tradição Apostólica, é a autoridade e a ação contínua da Igreja Católica (mais concretamente do seu Magistério), que através dos apóstolos e da sucessão apostólica (os papas e os bispos) transmite “tudo aquilo que ela [a Igreja Católica] é e tudo quanto [ela] acredita”, para todo o mundo ininterruptamente desde o advento salvífico de Cristo até a atualidade. Cf. PAULO VI, *Dei Verbum*, 1965. Isto para assegurar que os católicos vivem a fé de um modo fiel à verdade revelada por Deus. Cf. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n.º 12.
- 211 “E Jesus, respondendo, disse-lhes: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. E maravilharam-se dele” (Mc 12, 17).
- 212 “Saladin”, in *Encyclopedia of World Biography*, “Encyclopedia of World Biography on Saladin” (acedido a 10 mar. 18).

- 213 Cf. FERNANDES, A. T., “Conflitualidade e movimentos sociais”, *Análise Social*, vol. XXVIII (123-124), 1993 (4.º-5.º), pp. 787-82.
- 214 Cf. KUNG, H., *O Islão – Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Edições 70, 2010.
- 215 Cf. CRUZ, R. L., “Diálogo inter-religioso: O desafio do nosso tempo”, *além-mar*, jan. 20107: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEyZIEIVVukhUYCFUa> (acedido a 14 mar. 18).
- 216 Este texto contou com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no que respeita à concessão de uma bolsa de investigação de licença sabática.
- 217 Cf. MAIA, C., *História da Língua Portuguesa. Guia de Estudo*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1995, p. 7.
- 218 Cf. 1949 *apud* COSERIU, E., *Sincronía, Diacronía e Historia. El Problema del Cambio Lingüístico*, 3.ª ed., Madrid, Gredos, 1988, pp. 44-45.
- 219 Cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 318.
- 220 Cf. CARVALHO, M. J., “Sociolinguística histórica: estatuto, metodologia e problemas”, *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXII, 1998, p. 196.
- 221 Cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 197.
- 222 Cf. MESSNER, D., “A peste de 1348, um factor muito pouco considerado nas histórias das línguas românicas”, *Boletim de Filologia*, t. XXVIII, fasc. 1-4, 1983, pp. 237-240.
- 223 Cf. TEYSSIER, P., *História da Língua Portuguesa*, 5.ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1993, p. 30.
- 224 Cf. CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L., *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1984, p. 183.
- 225 Cf. TEYSSIER, P., *op. cit.*, p. 32.
- 226 Cf. SILVA, R. V. M., *Estruturas Trecentistas. Elementos para Uma Gramática do Português Arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, p. 59.
- 227 Cf. CASTRO, I., “A elaboração da língua portuguesa, no tempo do Infante D. Pedro”, in *Atas do Congresso Comemorativo do 6º Centenário do Infante D. Pedro* (25 a 27 de novembro de 1992) (= *Biblos, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, vol. LXIX, 1993, pp. 97-106. Referimo-nos à p. 106).
- 228 Cf. TEYSSIER, P., *op. cit.*, p. 68.
- 229 Cf. BERGMAN, I., *O Sétimo Selo*, Suécia, 1957. (Edição portuguesa: Costa do Castelo).
- 230 Cf. McTIERNAN, J., *O Último Grande Herói*, EUA, 1993. (Edição portuguesa: Columbia TriStar).
- 231 Cf. ANNAUD, J.-J., *O Nome da Rosa*, EUA, 1986. (Edição portuguesa: Lusomundo).
- 232 Cf. MONTEIRO, J. C., *Silvestre*, Portugal (Atalanta), 1981.
- 233 Cf. RIBEIRO, A. P., “Para acabar de vez com a lusofonia”, *Jornal Público*, 18 jan. 2013: <https://www.publico.pt/2013/01/18/jornal/para-acabar-de-vez-com-a-lusofonia-25877639> (acedido a 29 ago. 2018).
- 234 Cf. CHACON, V., *O Futuro Político da Lusofonia*, Lisboa/São Paulo, Edição Verbo, 2002, p. 139.
- 235 Cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 49.
- 236 Cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 40.

Esta obra, que desejamos polémica, haverá reflexões provenientes de colaboradores das várias áreas do saber e a periculosidade da HISTÓRIA DAS IDEIAS. Dado o interesse que despertou será concebida como colecção com a publicação de, pelo menos, três volumes. Dada a variedade de temas tratados, estruturam-se os artigos deste primeiro volume segundo a ordem alfabética do nome dos autores.

In Apresentação

P

Numa época em que as Humanidades estão a tornar-se cada vez mais marginais e residuais no quotidiano das comunidades, nos programas académicos, nos planos nacionais, em que o humano é alvo de violência viralmente replicada insensibilizadora das sociedades, em que a ética foi substituída pela legalidade, a palavra pelo documento, a confiança pela suspeita, a certeza pela incerteza, os ídolos caíram dos pedestais, alguns temas e disciplinas centrais na cultura humanista passaram a ser olhados com alguma suspeita por aqueles que a observam do lado da nova *doxa*, hoje, o "politicamente correto": temas ou disciplinas que favorecem a consciência das coisas, a inteligência das manipulações e das mistificações, a percepção da mudança... por isso, são *perigosos*!

Esta colecção procurará elencar alguns desses temas e disciplinas que nos iluminam e esclarecem, promovendo uma consciência crítica das nossas circunstâncias, refletindo sobre o que torna suspeitas as Humanidades para as esferas afins do exercício do poder (do conhecimento, da política, da economia, da comunicação, etc.), da *doxa*.

Directoras da Colecção
Annabela Rita e Isabel Ponce de Leão

EDIÇÕES ESGOTADAS

COLEÇÃO
PERIGOSO É...



P

PERIGOSO É...

ANNABELA RITA & ISABEL PONCE DE LEÃO

PERIGOSO É...

Coordenação de
**ANNABELA RITA &
ISABEL PONCE DE LEÃO**



P